

A profundidade rasa

Josimey Costa

Os poetas são uma espécie em extinção. Desde a adolescência, Clóvis sabia disso, assim como sabia que estava condenado a uma solidão sem remédio, a principal musa dos poetas.

Algum desígnio obscuro, no entanto, estava desviando o seu destino. Era a única explicação que encontrava para ter nascido numa família de doze irmãos, todos habitando a mesma casa mínima, que se geminava com outra igualmente populada. Como encontrar a angústia do silêncio com a linha do trem passando na rua de trás? Ou com aquela igreja de auto-falantes potentes, a conclamar os irmãos que estavam em busca da salvação? As noites não eram mais suaves. A vizinha do lado era amante de um músico de conjunto, e idolatrava o amado ouvindo as músicas de outros, que ele tocava nos bares e *frango-assados* da vida, garantindo que todo o seu em torno também ouvisse. As caixas-de-som, ela se orgulhava, eram fabricadas pelo seu homem. Que potência!

Aos domingos, havia feira, e à arenga da família, ao clangor do trem, às lamúrias da igreja, à chiadeira do vinil arranhado, juntava-se a balbúrdia dos feirantes. Clóvis em vão riscava o papel, que era em seguida amassado em bolinhas cada vez mais abundantes. Quando cresceu o suficiente para frequentar alguns dos bares do amante da vizinha, procurava chegar cedo, começava a beber e a formar sonetos.

Nessa engalfinhada luta com as palavras, a luta mais vã, foi que eu o encontrei. A letra dançava um pouco no papel, resultado das cervejas que regavam a sua inspiração e isolavam os seus tímpanos da música que já começava alta para vencer as conversas ruidosas. Que também aumentavam o próprio volume para se fazerem ouvir por trás da música. Eu gostava de poesia, e o gosto comum nos deu motivo para muitas acaloradas discussões, refrescadas e esquentadas simultaneamente pelas mesmas cervejas que, junto com Clóvis, pariam sonetos.

Os sonetos de Clóvis surgiam muito a contragosto de rimas paupérrimas e metáforas vulgares. Mas a poesia nele era filha da teimosia e tinha a viturde de se ser rasa como uma chata. Só assim podia flutuar naquele oceano de turbulência sonora.

Clóvis sonhava com a solidão, e até já tinha encontrado a fórmula perfeita para consegui-la: precisava ser preso. Só numa cela de prisão teria tempo e isolamento bastantes para produzir tantos sonetos quanto sua ânsia de se expressar pediam. Havia um único porém, culpa de sua natureza pacata: que crime seria capaz de cometer? Junto aos sonetos vagos, ele arquitetava assaltos a bancos de idéias, assédios a direitos autorais, seqüestros de livrarias, falsidades ideológicas (gostaria de ser um poeta romântico). E nem esses, enquanto convivi com ele, tinha coragem ou condições de executar.

Depois de algum tempo, Clóvis sumiu dos bares em que nos encontrávamos e, embora eu fosse capaz de descrever a sua casa, a sua rua, os seus vizinhos, não sabia onde encontrá-lo. A região, embora bem delimitada como periferia da cidade, já era maior que muitas cidades do interior. Por não saber dele, até pensei que poderia ter sido preso, quem sabe, e estaria escrevendo sonetos únicos.

Anos mais tarde, encontrei Clóvis. Ainda escrevia sonetos, mas não era melhor poeta. Perguntei-lhe o que estava fazendo agora. Ele, com vaidade mal disfarçada, disparou: era delegado de polícia.